



ESTADO DE COMA

O estado de coma acontece quando o cérebro se “desconecta” do ambiente externo, como se estivesse entrado num sono profundo. As causas mais comuns são traumatismos cerebrais, acidentes vasculares (por entupimento de artéria ou por hemorragia), meningites graves, afogamentos e insuficiência do fígado. No coma com alto risco de morte cerebral, quando o tronco cerebral (responsável por pressão arterial, respiração, batimentos cardíacos e consciência) é afetado, as pupilas se dilatam. Sem a aplicação do manitol, um paciente em coma, com uma pupila dilatada, tem no máximo 40% de chance de sobrevivência; se as duas pupilas estiverem dilatadas, a morte é iminente.

complementares mas já se investiga o uso de alta dose de manitol também em casos de coma causados por afogamento, derrames e meningites graves”, antecipa. Os resultados da pesquisa coordenada por Cruz foram publicados em artigo da revista *Neurosurgery*, de setembro de 2002, escrito com outros dois coordenadores da pesquisa: Giulio Minoja, da Itália, e Kazuo Okuchi, do Japão.

Sabine Righetti

HISTÓRIA

Influência das novas tecnologias da informação na cultura

O ataque terrorista de 11 de setembro, as imagens de Marte geradas pelo robô Spirit, a quarta edição do *Big Brother Brasil*, comprar pela internet. O que esses eventos têm em comum é o uso das novas tecnologias da informação, que proporcionam efeitos inéditos e conseqüências que vão além da tela do vídeo. Essas novas tecnologias provocam mudanças profundas, forjando novas concepções nas ciências humanas, como as de indivíduo, memória, leitura e escrita. Em sua tese de doutoramento na PUC-SP, “Cultura histórica e as novas tecnologias da informação”, o historiador Raimundo Donato Ribeiro analisa artigos e entrevistas publicados na mídia entre 1995 e 2000 sobre novas tecnologias da informação e sua relação com as humanidades, filmografia tratando de questões sobre tempo, espaço e memória, e bibliografia sobre o assunto. Ribeiro enfatiza que a tecnologia deve ser um campo de estudo também das ciências humanas porque a técnica sempre emerge de um contexto, de uma historicidade e não é um sistema autônomo, separado do homem. A cultura

histórica envolve as relações do homem com o seu passado. Ocorre que as tecnologias da informação estão modificando as relações do homem com seu passado, seu futuro e sua memória. Segundo o historiador, mais do que qualquer outra tecnologia em qualquer outra época, a da informação, acrescida da velocidade sem igual, altera, além da percepção do tempo e do espaço, também o imaginário de uma sociedade acenando para uma realidade virtual.

Essa possibilidade é demonstrada, por exemplo, no filme americano *Matrix* (1999) que, na análise de Ribeiro, é uma representação utópica da homogeneização da sociedade. Em *Matrix* existe uma inteligência única que controla, vigia a todos e também integra e compartilha registros. As novas tecnologias trazem em si a idéia de que é possível universalizar o conhecimento, neutralizando as diferenças humanas e sociais. No que o autor chama de “utopias do futuro”, a felicidade é dada pela capacidade de um número crescente de pessoas poder consumir cada vez mais. Uma característica fundamental dessas novas tecnologias é a aparente capacidade ilimitada de armazenamento de dados. Uma pesquisa da Universidade da Califórnia sobre o volume de informações produzidas no mundo

mostrou que a quantidade dobrou de 1999 a 2002: de cerca de 2,5 hexabytes (2,5 milhões de terabytes) para 5 hexabytes. O estudo mostra que 92% dessas novas informações estão armazenadas em disco rígido, isto é, em mídia magnética. Essa capacidade infinita da ampliação da memória - embora contraditoriamente destituída de lembranças - nega o homem como suporte de sua memória. Contida numa máquina, ela se torna virtual e se afasta do indivíduo, tornando-se "memória-prótese", como qualifica o pesquisador. A "memória-prótese" acumula registros, mas a memória humana não se constrói com tal armazenamento. São necessárias conexões, ligações afetivas para que as lembranças ganhem sentido. Lembrar e esquecer são componentes do processo de atualização do passado. "Confrontamo-nos com uma nova possibilidade de memória que não é aquela calcada na tradição dos documentos e da oralidade, como também na seleção e no esquecimento (...), mas sim, a que oferece, pela rede, a capacidade da democratização das informações e de realização plena de um novo humanismo através das novas tecnologias da informação, da velocidade eficiente e dos bytes", explica o historiador. Para Ribeiro,

a informática não é apenas tecnologia; trata-se de uma nova linguagem, capaz de oferecer uma memória informacional automatizada (a "memória-prótese"), introduzindo mudanças na construção da memória do homem contemporâneo e construindo um novo sentido para individualidade, podendo até destituí-la.

Quanto à noção de tempo linear, há uma substituição gradual pela atomização do momento, do tempo presente. É como se o futuro já tivesse chegado. Mas, como imaginam alguns filmes de ficção científica como *Star trek* e *Guerra nas estrelas*, o futuro está sempre em outra galáxia, em outro mundo como se o futuro do nosso presente já tivesse se esgotado. Da análise do pesquisador surge a conclusão de que o futuro não é mais um alheamento. "Tentamos criar e nomear o momento em que vivemos, tarefa de que a história sempre se encarregou ao estudar o passado num dado presente. O homem medieval nunca se viu como medieval (...), nós, ao contrário, buscamos uma classificação que nos dê elementos não só para nos caracterizarmos hoje, mas também para projetarmos e controlarmos o futuro, no presente", explica Ribeiro.

Patrícia Mariuzzo

MUNDO DO TRABALHO

Mudanças geram impacto até nas relações pessoais

Os efeitos da globalização e do uso intensivo de instrumentos criados pela tecnologia da informação não impactam somente o mundo do trabalho e o padrão de emprego. A sociedade como um todo se depara com enormes mudanças nas suas relações familiares e interpessoais. O resultado é que, hoje, o cotidiano da família se aproxima cada vez mais do ambiente do próprio trabalho. A primeira evidência é a repetição de alguns modelos de gestão empresarial levados para o ambiente do lar. As pessoas, como as empresas, passam a terceirizar de forma radical suas tarefas. As atividades domésticas e o transporte de filhos ou mesmo de parentes a passeios, a médicos ou a festas, por exemplo, há muito são contratadas nas classes econômicas com maior poder aquisitivo, afirma o sociólogo Ricardo Antunes, pesquisador da Unicamp. Devido à necessidade de demonstrar maior empenho no emprego, muitos profissionais ficam ausentes de suas casas na maior parte do tempo ou estendem seu trabalho para o lar. Apesar dos poucos estudos com esse foco, pesquisadores apontam que as relações familiares têm procurado se adequar a isso, principalmente para driblar a falta de tempo livre para a convivência entre pais e filhos.